

(Câm. Brasileira)

De volta a bola de neve

Tarcísio Holanda

O ex-ministro da Fazenda, Maílson da Nóbrega, acaba de divulgar estimativa segundo a qual a dívida pública interna saltará de 60 bilhões e 400 milhões de dólares para 92 bilhões e 400 milhões de dólares no final de 1992, algo muito perto dos 102 bilhões e 200 milhões de dólares legados pelo Governo Sarney.

Maílson calcula que a dívida interna sofrerá um aumento real de 53 por cento, acima da inflação, até o final do ano, graças à política de juros altos aplicada agora pelo Governo, como em seu tempo, a pretexto de inibir a demanda. O ex-ministro Delfim Netto previu, recentemente, que o ministro Marcílio Marques Moreira não teria condições de manter os juros altos por mais seis meses, sob pena de jogar a dívida interna para a estratosfera.

Tudo isso significa que foi em vão o imenso sacrifício que o atual Governo cobrou da população, quando decretou o bloqueio dos ativos financeiros, o que foi estimado em cerca de 80 bilhões de dólares. Como teve que honrar a palavra empenhada, devolvendo os cruzados retidos no Banco Central, o Governo contribui para aumentar a dívida interna colocando mais títulos no mercado, que pagam juros altíssimos, a fim de comprar os dólares que também estão entrando no País especulativamente.

O deputado Delfim Netto, louvado em sua rica experiência de mais de 13 anos no comando da economia, sustenta que, uma vez consumado o mal, que foi o bloqueio dos ativos financeiros, cabia ao Executivo extrair o bem do ato insensato. Bastaria que entregasse aos credores títulos com prazo de dez anos para resgate. O Governo aí teria real-

mente enxugado o meio circulante, ganhando prazo relativamente longo para devolver o dinheiro confiscado. Como isso não foi feito, o sacrifício revelou-se inútil para o País, que continua enfrentando inflação alta.

Informa-se que, algumas horas antes da posse do atual Presidente da República, a ex-ministra da Economia, Zélia Cardoso de Mello, propôs a emissão de títulos com prazo de dez anos para resgate. O presidente Fernando Collor não teria concordado com a sugestão formulada pela sua czarina da Economia. O fato é que se pôs a perder uma oportunidade de ouro para reduzir a dívida pública a quase nada.

Os economistas, de um modo geral, já não acreditam que o ministro Marcílio Marques Moreira tenha condições para reverter as expectativas inflacionárias. "Ele poderá conseguir ganhos pequenos, de um a, no máximo, dois por cento. Ficaremos patinando aí pelos 19 a 22 e 23 por cento", profetiza o ex-ministro Delfim Netto, que também não acredita em mudança substantiva desse panorama.

O ministro da Economia recusa-se a aplicar qualquer tipo de choque. Repeliu a heterodoxia em nome da ortodoxia, honrando a confiança dos agentes econômicos, especialmente dos banqueiros e dirigentes de instituições multilaterais, lá fora. Na iminência de assinar um acordo de renegociação da dívida externa, Marcílio é o ministro com maior respaldo político no Governo.

Réstaria o caminho da dolarização da economia, adotado pelo ministro Domingos Cavallo, na Argentina, com relativo sucesso até agora. No Brasil, o respeitado economista Mário Henrique Simonsen propôs esse modelo, parcialmente, porém Marcílio repeliu a proposta. Resta rezar a Deus, que ninguém mais acredita seja brasileiro...